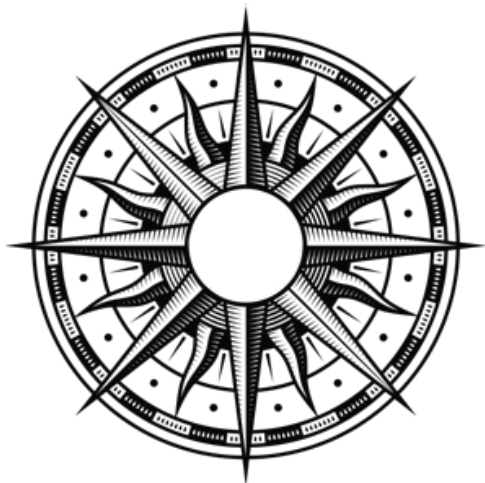




PRÓLOGO

57°58'N 9°12'E
Baía de Escagerraque, Mar do Norte
Cargueiro Glorie
14 Nov 1883

O PASSADIÇO SE TORNARA ESCORREGADIO desde que começara a nevar, duas horas atrás. Os vigias, espalhados por toda a amurada, mantinham-se afastados da borda do navio, pois o seu moderno casco de ferro representava uma armadilha mortal em temperaturas tão baixas. Era praticamente impossível tocá-lo sem sofrer uma queimadura de frio. No Mar do Norte, perto da baía de Escagerraque, onde se localizava o único estreito que ligava o Oceano Atlântico ao Mar Báltico, as temperaturas poderiam alcançar a marca de vários graus negativos durante a noite.

Pela bruma, o brilho fugidio de dois barcos tremulava de tempos em tempos, perdidos entre as ondas baixas da maré constante. Aquela era uma passagem importante e não era raro encontrar outras embarcações saindo ou se aproximando do estreito. Naqueles tempos, no entanto, onde a tensão se acumulava nos escritórios de guerra, todos vigiavam a todos e palavras

cordiais eram trocadas à distância, a diplomacia das saudações substituída pelo palavreado insípido das bandeiras marítimas coloridas e das lunetas.

O céu, encoberto pelas nuvens de neve, adquiria tons arroxeados naquele lugar, como uma catedral de pedras que teimava em manter os fiéis longe do brilho das estrelas e do tom pálido da Lua. No escuro e com frio, os homens dividiam um cigarro e um gole de grogue enquanto vasculhavam o horizonte escuro, contando os minutos para a troca da guarda.

Quando marcas inquietas surgiram perto da proa, apenas Besson os viu, mas, acordado há pelo menos dezoito horas, os olhos secos e duros pelo frio e cansaço, sua atenção não foi desperta até que a água começou a espirrar para o alto, como se o jato de uma baleia surgisse de repente. Baleias não eram incomuns naquele lugar, apesar dos baleeiros estarem empurrando os cardumes cada vez mais para longe, mas não havia sinal de qualquer cetáceo que antecederesse ao jato.

Besson esfregou os olhos, provavelmente tentando compreender o que via, sem sucesso. Não havia como culpá-lo, é claro. Apesar de experiente, em quase seus trinta e cinco anos como homem do mar, aquela noite lhe reservava surpresas que pouquíssimos homens já haviam presenciado. E muitos poucos haviam sobrevivido para contar o que viram.

A forma escapou da água em alta velocidade, lançando seu corpo longo até doze metros acima da superfície, soltando um silvo agudo enquanto emergia. Besson deixou cair o cigarro apagado e abriu a boca para gritar, mas as palavras nunca chegaram a sair da sua garganta. Alguém berrou do outro lado do navio e os poucos homens que permaneciam em vigia se viraram quase ao mesmo tempo.

Então, a forma se jogou contra o casco, partindo-o como se fosse um barquinho de brinquedo. O centro do barco foi arrastado para o fundo do mar e a proa e a popa foram lançadas para o alto, subindo e descendo enquanto o ar escapava dos conveses inferiores, até afundar no meio dos gritos dos poucos sobreviventes que não morreram no primeiro impacto.

Besson caiu na água sem dar um pio, seu corpo sentindo o abraço das queimaduras de frio. Ele afundou por alguns metros e voltou a subir, nadando em pânico, buscando qualquer pedaço de madeira ou destroço em que pudesse se agarrar. Ele ouviu alguns gritos e o som inconfundível de uma grande massa afundando na água.

O silvo surgiu novamente, muito mais perto, fazendo arrepiar as suas costas e arranhar a sua alma. Ele girou, os membros congelados de frio, o gelo condensando-se rapidamente em suas pálpebras. A cabeça ergueu-se do mar prateado, com uma fileira de dentes tão grandes quanto navalhas.

Besson não gritou e apenas teve tempo de encomendar a alma para o Criador antes que a criatura atacasse.



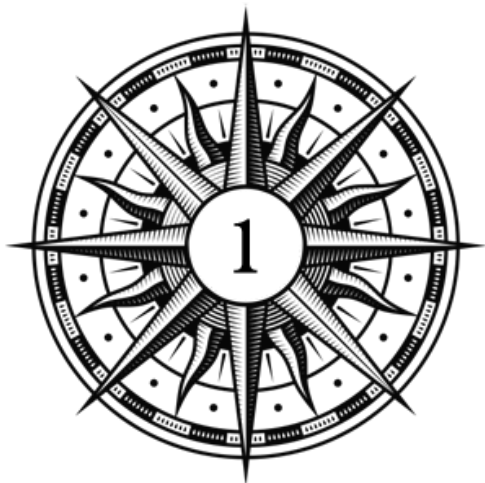
O primeiro dos dois barcos próximos ao Glorie se aproximou cerca de meia hora depois, encontrando apenas uma floresta de corpos e destroços. Dois escaleres foram baixados para procurar sobreviventes e examinar os vestígios, mas os tripulantes do Trentino não encontraram nada. Um pouco depois, o Aldebaran, de bandeira alemã, também se aproximou e juntou-se aos esforços. As buscas se seguiram até o início da manhã seguinte e se mostraram infrutíferas.

A única evidência coletada foi uma presa encontrada junto a um dos mastros do navio francês. Por um momento, o marinheiro alemão que a examinou achou que fosse algum osso antigo que fora preso no navio por capricho, mas, Kempe, o naturalista do barco alemão, descartou a hipótese rapidamente. Ele não tinha dúvidas de aquele vestígio era um dente, apesar de não compreender a qual espécie a presa poderia pertencer. Ele guardou a evidência e a levou de volta para o Porto de Kiel. Dois dias depois, um pacote com o dente partiu para a Universidade de Berlim. O pacote foi

desviado para Munique em Hamburgo, alcançando a Sociedade Thule uma semana depois.

Após algumas semanas de intensos debates internos, o pacote foi enviado anonimamente à Itália, causando uma revolução em uma pequena ilha afastada do Principado da Sicília. Ordens foram dadas e um exército de engenheiros e projetistas entrou em ação, acelerando seus planos. A sorte fora lançada.





O A T E N T A D O

50°05'N 14°25'E
Praga, Capital do Reino da Boêmia
Império Austro-Húngaro
14 Jan 1884

PREPARAÇÃO. Essa era a palavra-chave para qualquer operação, da mais insignificante a mais complexa. Fora isso que o Coronel Moran tentara passar aos operativos revolucionários durante os intensos treinamentos nos últimos três meses. Na pequena comunidade de Tursko, nos arredores de Praga, ele os instruía em táticas de guerrilha e operações furtivas. O atentado fora discutido, analisado e planejado por semanas até que ele se dera por satisfeito.

Mas era impossível conter os ânimos dos mais exaltados. Depois que Moran fora chamado de volta à Londres, o comandante Frederick parecia cada vez mais impaciente. Afinal, Moran era um estrangeiro, reclamava, em voz alta, enquanto bebia com seus homens, recebendo cada vez mais acenos insatisfeitos à medida que o tempo passava. Ele não tinha o direito moral de comandar a revolução.

Dois dias antes da data marcada previamente, Frederick tomou a sua decisão. Ele chamou seus homens e mandou que eles empacotassem as suas coisas enquanto enviava uma dúzia de telegramas. No outro dia, seguiriam para a capital.

Usando três carruagens diferentes, conforme o planejado, os doze homens partiram do vilarejo e tomaram a estrada para o sul, que os levou até o Castelo de Praga, uma fortificação construída na colina Hradchany ainda no século IX, perto do Rio Moldava. No bosque de Deer Moat, que circundava o castelo, eles trocaram as suas vestes pelas batinas da Ordem dos Frades Menores. Com o hábito castanho e o característico capuz curto cobrindo seus rostos, seguiram em procissão até a entrada do castelo, onde se misturaram à multidão de peregrinos que seguia para a Catedral de São Vito para celebrar o aniversário do rei Gustav Von Ormstein.

A catedral era uma das principais construções da cidade, considerada a maior igreja da Boêmia e uma das maiores do império Austro-Húngaro. De estilo gótico, fora erguida entre os séculos XIV e XV, e se tornara mundialmente famosa pela grande Capela de São Venceslau, que continha mais de mil pedras semipreciosas.

Frederick nunca estivera ali dentro e, por um momento, sentiu-se apequenado pelas abóbadas arrojadas, pelos pilares clássicos em forma de sino e pelo rendilhado das janelas e dos grandes contrafortes esculpidos. No entanto, a sua admiração desapareceu ao notar os bustos no trifório, que retratavam rostos da família real junto a santos e bispos de Praga. Aquele era um dos tantos sacrilégios ofensivos que faziam o seu sangue ferver. Milhões eram gastos na ornamentação e no culto à família real, enquanto o povo pagava impostos cada vez mais abusivos e precisava se curvar à estrangeiros.

Ele apertou o cabo da lâmina que trazia presa ao hábito, sentindo o toque do metal acalmá-lo. Agora, faltava pouco.

A igreja encheu-se rapidamente, enquanto os revolucionários misturavam-se aos convidados. Moran e Frederick haviam escolhido os

hábitos da Ordem dos Frades Menores por causa da sua posição estratégica nas comemorações, apenas duas dezenas de passos atrás da comitiva real. Os verdadeiros frades haviam sido sequestrados pelos seus colegas revolucionários na noite anterior. Eles seriam mantidos em cárcere até o final do dia, quando seriam libertados.

Quando os sinos da Catedral bateram as dez badaladas, uma grande comitiva atravessou o pórtico e avançou pela nave central. Com o bispo de Praga na frente, o rei e a rainha logo atrás e muitos soldados lado a lado, eles avançaram em procissão até a Capela de São Venceslau, onde o bispo fez uma pequena oração apenas para a comitiva, antes de voltar em procissão até o coro. Ali, eles se dividiram e o rei e seu séquito tomaram o assento na primeira fila, enquanto o bispo subia até o altar.

A missa foi longa, como já era esperado. Frederick conhecia pouco do latim e conseguira captar apenas algumas palavras, mas o que compreendeu o deixou enojado. A família real, mais uma vez, era comparada aos santos católicos, como se o seu direito de exercer o poder estivesse atrelado à vontade divina e não, simplesmente, à sorte de ter nascido no lugar certo. Não era de se admirar que houvesse tantos governantes incompetentes no mundo, pensava Frederick. Qualquer sociedade civilizada deveria ter o direito de escolher o líder mais bem preparado. Não era possível conciliar a ideia do direito de nascença com o progresso da nação.

Então, um a um, as ordens católicas foram chamadas pelo bispo para se dirigirem ao altar, ocupando o grande deambulatório que fora construído logo atrás, um espaço para meditação e celebração. Os peregrinos aproximavam-se, curvavam-se respeitosamente frente ao altar, depois, ao rei e sua consorte e, então, seguiam até se postar atrás do bispo.

Frederick trocou um olhar com seus colegas e, então, o bispo os chamou. Com muito cuidado, ele se levantou e foi até a nave. Com os olhos abaixados, como convinha ao papel que estava representando, ele seguiu pelo

longo corredor, ouvindo o canto do coral às suas costas. Seus dedos escorregaram até o cabo do punhal, segurando-o com firmeza.

Ele foi até o bispo e se curvou, fazendo o sinal da cruz. Então, seguiu até a frente do rei, esperando seus comparsas se alinharem ao seu lado. Com a visão periférica, observou os soldados. Havia pelo menos uma dúzia de cada lado. Aquilo não estava certo. Os planos indicavam que não haveria mais do que três, como uma guarda de honra.

Torben resmungou ao seu lado, mas Frederick não ousou encará-lo. A decisão, no final das contas, fora sua. Ele ordenara o ataque, mesmo sem a presença de Moran. E, agora, precisava decidir novamente. Do lado de fora, seus comparsas, espalhados por toda a cidade, não sabiam o que estava acontecendo ali dentro. Na hora marcada, eles atacariam.

Não poderia fraquejar agora.

Frederick se curvou, seguido pelos demais e, então, gritou:

— *Für Die Nation!*

Eles sacaram os punhais e avançaram, mas as batinas eram desajeitadas e eles estavam longe demais do rei Gustav. Os guardas atacaram com as suas grandes lanças, destruindo os homens nos flancos e avançando. Frederick chegou a agarrar a lapela do rei, mas a espada de um soldado atravessou suas costelas pelo lado esquerdo antes que ele tivesse a chance de desferir o golpe.

O grito definhou-se num gorgolejar quando o sangue escapou pela garganta. Degolado, ele caiu aos pés do rei, que fora retirado rapidamente assim que os atacantes foram destroçados. Do lado de fora, os primeiros tiros de canhão foram ouvidos, ao longe.



50°05'N 14°25'E
Praga, Capital do Reino da Boêmia
Império Austro-Húngaro

O coronel Sebastian Moran sabia que havia algo errado assim que se aproximou da estação. Viajara durante toda a noite e, ao se aproximar da capital, notou as colunas de fumaça escapando dos bairros vizinhos. Na estação, dezenas de soldados guardavam as entradas e conferiam os documentos. Como estrangeiro, os papeis de Moran foram conferidos diversas vezes, mas a passagem indicava que ele partira de Londres dois dias atrás, o que ajudou na sua liberação.

— O que houve, meu bom homem? — perguntou ele, em alemão.

O cabo, reconhecendo a patente do ex-militar, fez um cumprimento rápido ao colega de armas antes de responder.

— Uma tentativa de assassinato, coronel. Mas os assassinos foram pegos, todos eles.

— O rei? — perguntou Moran, apontando para um jornaleiro que gritava a plenos pulmões a poucos metros deles.

— Sim. E alguns insurgentes atacaram postos militares. Não é um bom dia para visitar Praga, Coronel.

— Imagino que tenha razão — disse Moran, pegando seus documentos de volta e cumprimentando os soldados antes de seguir para a estação.

Não havia nada que pudesse fazer ali, pensou, enquanto se dirigia à bilheteria. Frederick dera as ordens, provavelmente. É claro que ele não contava com seus planos de contingência. Moran detestava traidores. O plano tinha uma falha; sem a sua presença, ele nunca funcionaria. Não precisava muito para imaginar o que houvera. A pequena equipe que treinara em segredo para realizar uma ação diversiva do lado de fora não participara do ataque e, dessa forma, todos os soldados estavam dentro da catedral. O ataque não passara de um suicídio sem sentido.

Moriarty não ficaria satisfeito, resmungou, enquanto comprava uma passagem para o trem vespertino que seguia para Paris. Ele não parecia

realmente interessado no assassinato do rei Gustav, mas aquela confusão lhe impedira de invadir o palácio, como eram as suas ordens. Com o exército em alerta máximo, as chances de vasculhar os aposentos reais eram nulas.

Após comprar alguns jornais, tomou assento em uma cafeteria e passou algumas horas por ali, travando conversas ocasionais com senhoras distintas que pareciam perplexas com toda aquela situação. Moran se portou de forma cavalheiresca, oferecendo sua simpatia frente aos graves acontecimentos que pareciam assolar o país. O assassinato de reis era um absurdo, obviamente. Onde iríamos parar?

Chegou à Paris perto do meio-dia da manhã seguinte e tomou o primeiro comboio para Londres. Moriarty o esperava em seu escritório no *Royal Polytechnic Institution*. Ao seu lado, uma pilha de jornais.

Moran não perdeu tempo lhe repassando notícias que eram de dois dias atrás.

— Frederick e seus comandos foram mortos — disse Moriarty, apontando para os jornais. — Imagino que tenha sido *ele* a desobedecer às suas ordens.

— É a minha impressão também, senhor.

— Precisa escolher com mais cuidado os nossos associados — disse Moriarty, encarando-o.

— Sim, senhor, mas não é fácil quando você só tem revolucionários e estudantes — disse Moran, repetindo um discurso que preparara nas últimas horas. — São homens tolos, em sua maioria. Prefiro agir sozinho, como no caso do príncipe Rodolfo.

— Aquilo foi um favor para a Sociedade Thule — disse Moriarty, levemente irritado.

Moran franziu o cenho. Não recebia explicações detalhadas das ordens que recebia, mas não imaginava que estivesse trabalhando para outros patrões.

— O Império Germânico tem trocado todas as suas dívidas futuras por ouro e importado uma quantidade absurda de aço e minério de ferro — disse Moriarty.

Moran era um militar experiente o suficiente para saber o significado daquelas palavras.

— Eles estão preparando-se para a guerra.

Moriarty assentiu

— Não é um objetivo incomum. A guerra traz muitas oportunidades, se soubermos que ela está chegando. E ela virá, Moran. Ela virá — disse Moriarty, incisivo. — Mas não tão rapidamente como eles imaginavam. Ainda não estamos preparados. Esse pequeno rebuliço que pretendia orquestrar no Boêmia nos dará o tempo necessário. Mesmo que o rei Gustav tenha escapado, os planos da Sociedade precisarão ser protelados. A ameaça dessa escumalha separatista precisará ser destruída antes que eles prossigam.

— Então, devo manter os carregamentos?

— Sim — disse Moriarty, incisivo. — Envie todas as armas que pudermos. Eles precisam resistir por algumas semanas, pelo menos. Isso nos ajudará a conseguir o objeto que não foi capaz de roubar em Praga.

Moran assentiu rapidamente.

— Mas seja discreto — recomendou Moriarty. — A Sociedade não pode desconfiar de nossa presença no Império Austro-Húngaro ou estaremos perdidos.

— Não se preocupe, professor — garantiu Moran. — Tenho usado alguns revolucionários russos como intermediários. As armas foram importadas do Estados Unidos da América e do Departamento do Quebec, na Nova França. Não há nada que os ligue à boa e velha Inglaterra ou a nós.

— Ótimo. Enquanto isso, viajarei para a Irlanda nas próximas semanas.

— Oweynagat? — arriscou Moran.

— Sim — disse Moriarty, com um estranho brilho nos olhos. — Preciso ver a caverna com os meus próprios olhos.